

RESUMO

A morte ocorre inexoravelmente e é comum a todos os seres vivos. Os seres humanos que se crê terem dela uma consciência particular, em geral, não a desejam. Porém, o sofrimento provocado por certas doenças físicas e psicológicas leva algumas pessoas a desejar e a procurar a morte. O suicídio é uma das formas que algumas pessoas encontram para acabar com o seu sofrimento. Quando muito debilitadas para o poderem fazer pelos seus próprios meios, por vezes, procuram que profissionais de saúde, geralmente médicos, as ajudem a morrer. É hoje consensual que as pessoas podem, quando na posse das suas faculdades mentais, recusar quaisquer tratamentos ainda que estes lhe pudessem salvar a vida. Mesmo quando estão cognitivamente incompetentes, podem ainda manifestar-se se tiverem deixado instruções sobre a sua vontade. No entanto, quando a vontade do doente não é conhecida, outros problemas de decisão se colocam, devendo pugnar-se sempre por o que for entendido como os melhores interesses do doente. Uma resposta positiva ao sofrimento são os cuidados paliativos, cujo desenvolvimento é imperioso mas que se tem arrastado demais.

O que os médicos portugueses pensam sobre este assunto não é conhecido. Por isso, foi feito um inquérito por via postal a oncologistas portugueses, inscritos na Sociedade Portuguesa de Oncologia e outros. Observou-se que a maioria dos oncologistas é contra a prática da eutanásia e do suicídio assistido, mas mais de 30% são a favor da sua legalização. Só um médico admitiu ter praticado eutanásia num caso, mas nenhum prestou assistência ao suicídio de um doente. O factor mais importante associado a ser-se a favor ou contra as práticas da morte assistida foi o ser-se católico praticante ou não praticante, sendo estes últimos favoráveis a essas práticas numa percentagem maior. A maioria dos oncologistas é a favor da suspensão de medidas de suporte da vida a pedido do doente, embora só 41% estivesse disposto a suspender a alimentação e a hidratação. Mais de 95% dos médicos administraria um fármaco para aliviar o sofrimento de um doente, ainda que com isso pudesse encurtar-lhe a vida. Cerca de 80% considera que os cuidados paliativos poderiam evitar pelo menos muitos dos pedidos de morte assistida. Os resultados obtidos devem ser considerados com cautela, visto que só cerca de 33% dos médicos inquiridos responderam.

A ideia de que os cuidados paliativos poderiam ser a resposta mais apropriada para os problemas dos doentes, na parte final da sua vida, reflecte um grande consenso e é uma das mais importantes conclusões do estudo.